



## **Interrelação e Interdependência Entre o Signo da Notícia e o Factual: Uma Leitura Semiótica<sup>1</sup>**

Alexandre Ribeiro do Valle NOGUEIRA<sup>2</sup>

Jéssica Monteiro de GODOY<sup>3</sup>

Adenil Alfeu DOMINGOS<sup>4</sup>

Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo

### **Resumo**

Este artigo demonstrará a interrelação e interdependência entre a notícia jornalística, o fato e as experiências que cada sujeito tem em relação ao narrado, por meio de análise Semiótica, principalmente, a norte-americana de Charles Sanders Peirce (1839-1914). Para tal, procura-se exemplificar as ideias aqui desenvolvidas, por meio de implicações concretas e reais, pois, o corpus de análise trata de notícias pontuais veiculadas na mídia, em diferentes contextos e períodos. Trata-se, mais especificamente, de dois casos estadunidenses, um de um jornal de grande circulação na Espanha, além de outros veiculados na mídia nacional e citação de alguns casos de jornais famosos internacionais. Os exemplos dados foram selecionados por se relacionarem, de certo modo, entre si e analisados de acordo com essas relações.

**Palavras-Chave:** Jornalismo; Multimídia; Semiótica; Notícia; Fato.

### **Introdução**

“Mera ilusão auditiva, graças a qual ouvimos sempre tic-tac e nunca tac-tic.  
Depois disso, como acreditar nos relógios?... Ou na gente”.  
(Mário Quintana)

O Jornalismo tem um papel importante no contexto da sociedade, sendo uma das principais Instituições na formação e no resgate da História não-oficial ou científica da Humanidade, mas também, dos acontecimentos cotidianos que atuam sobre a sociedade em uma determinada época. Assim como a Política, a Religião, a Escola e a Família, o Jornalismo, ao transformar fatos em notícias, define paradigmas sociais e determina o que realmente deve ser informado a toda uma audiência. O gênero textual, embora produto ainda recente como gênero informativo, as “notícias” foram se enraizando naturalmente, ao longo do tempo, como um relato verídico de um factual. Esse princípio fez nascer uma espécie de contrato de veridicção entre os polos emissores e receptores

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, email: [nogueira\\_ale@hotmail.com](mailto:nogueira_ale@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp, email: [jessica.godoy@hotmail.com](mailto:jessica.godoy@hotmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em teoria da literatura e literatura comparada pela UNESP, docente do curso de jornalismo da UNESP, da aula de semiótica da comunicação, e-mail: [adenil@faac.unesp.br](mailto:adenil@faac.unesp.br)



da informação. Quem compra um periódico acredita que os fatos nele narrados são factuais e, por vezes, até não percebem que os mesmos são simulacros do acontecido, como veremos adiante. Desse modo, o jornal é conhecido por ditar paradigmas sociais. Muitos deles perduram por determinado tempo, mas a maioria deles é meteórica. Greimas delinea o conceito de veridicção como:

“O discurso pode ser considerado como o espaço, o lugar frágil em que se inscreve e em que se lêem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo, que esses modos de veridicção resultam da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário, que suas diferentes posições fixam-se apenas sob a forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provém de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura de comunicação. Designa-se esse entendimento tácito por contrato de veridicção”. (GREIMAS, 1978, p.3)

A História, como ciência, é feita de almas coletivas, na qual o consenso, isto é, o discurso científico, é determinado como um documento sobre a visão dos fenômenos do Mundo, como sendo a melhor explicação do mesmo, em um dado momento histórico. Não há, porém, discurso neutro, mesmo quando científico. Na introdução do livro *Aparelhos Ideológicos de Estado* de Louis Althusser, Albuquerque faz a seguinte citação:

“Todos os aparelhos ideológicos de Estado concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas. Cada um deles concorre para esse resultado de uma maneira que lhe é própria, isto é, (sujeitando) os indivíduos a uma ideologia”. (ALBUQUERQUE, 1985, p.26)

O Jornalismo não escapa desse princípio. A linguagem do Jornalismo “Ideal” tende a ser clara, objetiva, imparcial, correta e ligada a um tempo e espaço definidos com a maior precisão possível. A notícia, como produto de signos baseado na realidade, ou melhor, em factual, não deixa de ser, porém, um simulacro inseparável desse mesmo factual que o gerou. Assim, o factual não se trata de ficção em termos de criação imaginária ou fantasiosa. O jornalista não é um autor/escritor, como o de literatura, embora possa fazê-lo como um adendo a sua profissão. A autoria da notícia praticamente se resume no trabalho jornalístico de pesquisa e combinação das palavras para produzir um relato que não pode ser acrescido de nuances desde que elas não sejam ficcionais. A arte jornalística não se resume a uma criação *ex nihilo*<sup>5</sup>. O criador de um texto de ficção, na verdade, constrói e transforma algo pré-existente e, diferentemente do jornalista, ele não tem compromisso com o verossímil. Seu compromisso se resume a construção de um universo que se justifica dentro de si mesmo, como uma

<sup>5</sup> Expressão latina que, segundo Houaiss, significa “a partir do nada”.



pararealidade. As transformações produzidas são verossimilhantes e miméticas. No Jornalismo pode até ser que a arte imite a vida e vice-versa, mas elas não chegam a se confundir. No Jornalismo, a busca da objetividade deve ocupar o primeiro plano já que se espera uma descrição factual de um fenômeno qualquer, mas não uma criação de um novo fenômeno. Embora a notícia jamais seja neutra, o jornalista deve empreender um esforço de neutralidade no ato de escrever o texto, a ponto que o leitor tenha a impressão de que os fatos se narram a si mesmos, de modo ilusório, apenas. Já a ficção não tem necessariamente essa possibilidade de ligamento imprescindível com o real, já que a verdadeira arte tende a extrapolar até o tempo e espaço, tendendo a ser uma eterna novidade feita de ambiguidades que são profundos mergulhos na problemática existencial humana, que podem ou não ter acontecido.

Pode-se afirmar que os Homens são semioticistas *avant la lettre*<sup>6</sup>. O princípio é que não existe pensamento sem signos. O jornalista, como semioticista, investiga, procura, faz testes, confronta, mostra discrepâncias e congruências entre fatos e seus discursos. Todo semioticista para Peirce, por exemplo, se serve de ícones, quando produz, principalmente fotografias do acontecido; de índices quando coloca as fotografias relacionadas com as descrições verbais e símbolos, principalmente quando se serve das palavras da Língua. Os linguistas entendem que o verbal é produto do convencional, do imotivado e do arbitrário. (cf. SAUSSURE, 1969, p. 83); A semiótica norte-americana, por sua vez, entende que o convencional é apenas a terceiridade do signo. Uma notícia trabalha tanto com signos convencionais como ícones e índices. O exemplo é o uso da foto ancorando as palavras.

Assim, é, por meio das notícias, que diferentes jornalistas podem apresentar diferentes versões sobre um mesmo fato cotidiano. Também, é preciso considerar que são relevantes as diferentes nuances do mesmo fato e divulgá-las, de forma que atinjam um público-alvo. Essa audiência, o jornalista idealiza como seu público leitor ou mesmo quando interage com ele de modo a dialogar sobre o acontecido, gerando, desse modo, diferentes discursos interpretativos de um mesmo fato. O factual, portanto, permanece como *ground*<sup>7</sup> dos fatos encadeados em uma sequência de discursos. Desse modo, a notícia é um produto social, que vige em um meio social, na construção da realidade, como simulacro do real. A seleção das notícias a serem veiculadas em uma mídia, portanto, é feita de acordo com ideologias, experiências e pré-conceitos, tanto dos

---

<sup>6</sup> Expressão latina que, segundo Houaiss, significa “mesmo antes de saber alguma coisa”, no caso, mesmo antes de saber o que seja Semiótica.

<sup>7</sup> Em Semiótica, *ground* é o fundamento, aquilo que permanece apesar do processo de semiose.



jornalistas durante todo o processo de produção, quanto nos momentos de interação entre jornalista e audiência, principalmente na era das modernas tecnologias, e dos diferentes veículos e diferentes suportes. A notícia precisa do fato para existir e só no fato ela se realiza por completo como acontecimento verificável; por sua vez, o fato também precisa da notícia para tornar-se uma realidade. O que faz essa relação mediadora entre o fato e a notícia é, desse modo, o discurso jornalístico que pode conter argumentos e interpretações, sem deixar, no entanto, de ser informativo, sobre o factual a que se refere. Assim, segundo Ransdell, pode-se questionar “o que é comunicação se não a produção de signos para serem interpretados?” (RANSDELL, 1977, p. 171).

O discurso jornalístico, além dessa relação com o real, encontra-se válido se houver consenso entre audiência e jornalista, como sendo a busca da verdade informada. É importante frisar que a informação, como fato, existe antes da sua verbalização, mas se não for verbalizado é como se o factual não tivesse existido. Pois, determinado fato quando não noticiado permanece isolado e restrito a um conhecimento de poucos ou até mesmo de ninguém. O certo é que o real jamais estará na notícia, já que entre ambos há defasagem, visto que a notícia é apenas versões do fato e não o fato em si. Como para Peirce, todo objeto dinâmico é um signo, sem deixar de ser objeto, a realidade em si já é um signo com objeto imediato. É este que entra na mente humana como um signo que não deixa de ser também um objeto que representa o acontecido. Desse modo, a relação do signo exterior (a realidade) e do signo interior (sua representação) guarda entre si um efeito de real, mesmo sendo feita apenas por representações. É que a representação se torna tão contundente na informação que o sujeito toma o discurso pelo fato. Não é raro as pessoas se referirem a uma foto como sendo o objeto que ela representa. É comum, por exemplo, ouvir alguém dizer que fulano está na capa da revista, quando ali só existe tinta e papel. Essa ilusão sónica é tão evidente nos discursos jornalísticos que a versão dos fatos narrados, por vezes, são tomados como o próprio acontecimento, embora, para a semiótica norte-americana só há na mente representações dos objetos. A realidade, portanto, é aquilo que não entra na mente do ser humano a não ser como objeto-signo. No livro, O método anticartesiano de C. S. Peirce, de Lúcia Santaella, Peirce faz a seguinte colocação:

“Um Signo, no sentido em que será usado neste volume, é qualquer coisa que representa alguma outra coisa, seu Objeto, para uma mente que pode assim Interpretá-lo. Mais explicitamente. Mais explicitamente, um Signo é algo que aparece, no lugar de seu Objeto, que não aparece por si mesmo (pelo menos não no aspecto em que o Signo aparece), de modo que o Signo



é, como se fosse, a *espécie*, ou aparência, virtual ou figurativamente falando, que emana do Objeto, e é capaz de produzir sobre um ser inteligente um efeito que, em todo este livro, será chamado de Interpretante do Signo, um efeito que é reconhecido como sentido devido, em algum sentido, ao Objeto; é ao produzir o Interpretante, de modo que este se refira ao Objeto, que o Signo preenche sua função, seu ajustamento para aquilo que o constitui como um Signo”. (SANTAELLA, 2004, p. 183)

Foi por meio de uma análise pragmática que Peirce demonstrou a importância do objeto dinâmico na comunicação. No caso do discurso jornalístico, o factual, na produção da semiose<sup>8</sup> é a essência que permanece nas diferentes versões do fato. O conceito de cada signo depende de todas as experiências do sujeito em torno do objeto informado, ou seja, das representações que se faz dele na sociedade. É essa essência que acaba por determinar o significado do signo social:

“A fim de ser admitido em uma posição filosófica melhor, tentei colocar o pragmatismo, tal como o entendo, na mesma forma de um teorema filosófico. Não consegui nada melhor do que o seguinte: Pragmatismo é o princípio que todo julgamento teórico expresso em uma sentença no modo indicativo. É uma forma confusa de pensamento cujo único significado, se é que tenha algum, repousa na sua tendência a reforçar uma máxima correspondente, expressa como uma sentença condicional tendo sua apódose<sup>9</sup> no modo interativo”. (SANTAELLA, 2004, p. 230-231)

As experiências individuais sobre o acontecido também influenciam, de modo pragmático, na interpretação que cada um faz do fato e aplica o seu modo de pensar esse objeto em suas experiências futuras. Diferentes interpretações guardam uma coerência interpretativa a partir do fato dado.

### **A construção da notícia**

A construção da notícia, tanto o processo físico, quanto o mental, passa por etapas da estética, passando pela ética e culminando na lógica. Grosso modo, elas correspondem a uma representação que pode ser icônica, icônico/indicial e icônico/indicial/simbólica, pois na Semiótica essa acoplagem é crescente. Esse processo de acoplamento tem a base na fenomenologia de Peirce no que tange as suas três categorias de base: primeiridade, secundidade e terceiridade, como modos de apreensão de um fenômeno qualquer por uma mente.

O primeiro está no impacto que gera uma sensação, como simples contato com o factual. No Jornalismo isso acontece até no momento em que o jornalista recebe a pauta

<sup>8</sup> O processo da ação dos signos; um objeto que gera um signo que, por sua vez, gera um interpretante, ou seja, um novo signo e assim por diante.

<sup>9</sup> Apódose é a parte melódica descendente de um enunciado em uma estrutura sintática de subordinante e subordinado. Exemplo: se queres a paz (prótase), prepara a guerra (apódose).



e entra em contato com a necessidade de pesquisa da mesma, pois ela ainda é cheia de hipóteses e de incógnitas a serem investigadas; o segundo corresponde ao ato de pesquisa do fato e constatação dos elementos que o compõe, em geral, de modo metonímico como as relações de causa e efeito. É o instante em que os estímulos exteriores fazem um choque entre o mundo e o Eu, na apuração do fato, ou melhor, uma relação de díade, enquanto que o primeiro era uma mônada. Por último, a notícia vai ganhando uma forma em que aparece uma sequencialidade de fatos organizados sob o ponto de vista do narrador, entremeado de citações testemunhais do acontecido. Essa é a fase da produção da notícia como um discurso que vai ser a terceiridade. Nela, a voz narradora permite a intromissão de outras vozes, provocando o dialogismo. Tudo termina em uma lógica de raciocínio em que o fato parece narrar-se a si mesmo.

Esse produto final é um objeto sógnico próprio de uma sociedade que se serve do Jornalismo como meio de se informar e ser informada sobre os factuais, gerando uma crença e um hábito. Aqui, o contrato de veridicção se efetiva. Esse processo recomeça a cada leitura. O raciocínio se torna convincente quando a grande maioria dos leitores acreditam no que foi informado. O hábito social é que a notícia é a mais contundente expressão da verdade das informações de um factual narrado. A notícia se consuma na sociedade de forma progressiva, ganhando novas nuances a cada novo discurso interpretativo, ou seja, ganhando um novo signo interpretante, sem perder de vistas, porém, o factual gerador dessa sequência informativa. Para Santaella, a produção de qualquer entidade semiótica inicia-se, obrigatoriamente, na primeiridade, como tenta-se aqui demonstrar:

“Nessa medida, o primeiro (Primeiridade) é presente e imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque se velho, já é segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. Ele precede toda a síntese e toda diferenciação; ele não tem nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda a sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de uma outra coisa. Pare para pensar nele e ele já voou”.  
(SANTAELLA, 1983, p.45).

Esses níveis de representação do fato podem ocorrer entre a fonte, o jornalista e a audiência. O jornalista tem o papel de selecionar e tornar o fato, que é uma verdade absoluta, em uma verdade relativa para todos, transformando-o em notícia. Nessa construção, o jornalista percorre por todos esses níveis de representação, desde o processo de elaboração da pauta, passando pela apuração, à produção e, finalmente, à



veiculação. O jornalista interpreta o fato e repassa este para a audiência; o veículo como empresa também, porém de forma distinta, mesmo que com ângulos iguais, visto que uma mesma versão pode ser interpretada de maneiras variadas. Já a audiência entra em contato com o fato, por meio da notícia, da leitura da matéria (sendo esta visual, auditiva, ou mesmo escrita), localizando-se em um terceiro nível de representação do fato, isto é, uma interpretação daquilo que já foi interpretado de antemão pelo jornalista (segundo nível) e pela fonte (primeiro nível, o mais “puro”). As fontes confirmam o discurso, ou seja, o aproxima da realidade acontecida.

Quando um sujeito intérprete, que recebeu essa notícia de uma mídia, repassa-a para outro, não mais em primeira instância (em relação ao veículo) esta se afasta do real como factual, porém esse *ground* permanece. Em todos os níveis de interpretação está intrínseco no processo sógnico, o repertório histórico, cultural, ideológico e social de todos os participantes, envolvidos no processo de recepção e emissão<sup>10</sup>, fonte, jornalista, audiência e a linha editorial do veículo.

### **Contexto Hipermissão**

Com o advento das tecnologias da informação, o computador assume um papel importante na sociedade e transforma o modo de produção na Imprensa. A antiga máquina de escrever dá origem a um equipamento mais sofisticado capaz de ser uma extensão do cérebro físico, da memória, o computador. O mundo passa de uma visão essencialmente Antropocêntrica a Tecnocêntrica. Conforme Soares “não teria sido a inteligência humana que criou a técnica, mas foi esta que possibilitou ao Homem desenvolver a sua própria racionalidade, garantindo sua sobrevivência sobre a Terra” (SOARES, 2010, p. 58).

Consequentemente, a partir da chamada pós-modernidade e o surgimento último da Internet como meio de veiculação noticiosa e de democratização do acesso, a informação passa a abranger uma maior quantidade de pessoas. Aquele meio criado por Gutenberg foi uma dos incentivos para a construção do conceito de Indústria Cultural pelos frankfurtianos<sup>11</sup>. A Imprensa criando outros bens que não materiais, mais simbólicos, começa a dar vazão ao estilo de vida burguesa fazendo com que as pessoas pudessem desfrutar daquilo que estava detido nas mãos de uma minoria. Dá-se início a

---

<sup>10</sup> Para Lazarsfeld, o paradigma da Comunicação mudou de unidirecionalidade para interdirecionalidade.

<sup>11</sup> Frankfurtianos é o termo utilizado para designar os integrantes da escola de Frankfurt, também chamada de Teoria Crítica, importante movimento filosófico e cultural que discutia temas importantes como a Indústria Cultural e era pós-moderna. Seus principais expoentes foram Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin.



era da interdisciplinaridade, multimidiatização e da interatividade tendo em vista que “o meio é a mensagem” (MCLUHAN<sup>12</sup>).

A saber, na internet convergem-se todas as mídias, não somente um efeito das outras plataformas, mas tão simplesmente a origem delas. Ademais, a interatividade quebra o paradigma da linearidade, fazendo com que a audiência não seja mais vista como passiva, mas também como construtora da realidade. Além de ser uma consequência do contexto, a análise de várias mídias demonstra a igualdade de importância de todas elas, pois se há falhas ou acertos no processo jornalístico, estes podem ser recorrentes nas mais diversas mídias. Por isso, é importante que o profissional, na sua formação, conheça na teoria e na prática todos os meios e saiba lidar com as diferentes situações de uso das informações nas tecnologias modernas. “Em um discurso jornalístico existem várias variáveis persuasivas da linguagem, seja ela impressa, eletrônica, auditiva, em jornais ou revistas” (CITELLI, 2006, p.118). Assim, podemos agora analisar o corpus de notícias escolhido para esse fim.

### **Análise: a informação como discurso jornalístico**

Neste tópico, examina-se a partir de terciridade o corpus de análise, para demonstrar que padrões tidos como hábitos inquestionáveis podem apresentar singularidades que colocam em xeque esse hábito. É o que acontece nos dez exemplos dados aqui e divididos igualmente em duas categorias para melhor entendimento: A) notícias alteram a realidade com modificações positivas ou negativas sobre o fato narrado; B) notícias equivocadas com intencionalidades explícitas ou implícitas.

#### **A) Notícias que alteram a realidade:**

Corpus 1<sup>13</sup>: “Atenção, Campo Grande, Mato Grosso! Uma fortaleza voadora da FAB precisa aterrissar e o campo de pouso está às escuras. Apelamos aos proprietários de automóveis que se desloquem imediatamente para o aeroporto a fim de que a pista de aterrissagem seja iluminada pelos faróis dos seus automóveis”. Foi assim que um locutor da Rádio Nacional, em 1951, no Rio de Janeiro (em torno de 1500 km de Campo Grande) divulgou um comunicado enviado por um oficial de Base. O comandante da FAB anunciara uma emergência devido a um problema para aterrissagem. Um avião, transportando quatorze pessoas, precisava aterrissar no

---

<sup>12</sup> Essa famosa frase dita por McLuhan está presente em várias edições e anos do livro *O Meio é a Mensagem*.

<sup>13</sup> Em “A Rádio Nacional”, de Sérgio Cabral. Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista11-mat11.pdf>. Acessado em 11/05/2012.



aeroporto de Campo Grande que se encontrava às escuras. O primeiro comunicado entre o comandante e o oficial foi dado por volta das 23h15. Meia hora mais tarde, depois da rádio já ter divulgado o anúncio, o avião pousava com segurança iluminado pelos automóveis de dezenas de pessoas que ouviram ao apelo. A Rádio Nacional entrou no ar em 1936 e sobrevive até hoje. Este caso demonstra o poder exercido pela mídia que altera a realidade de um fato por meio de uma notícia informativa.

Corpus 2<sup>14</sup>: a consequência de um trabalho investigativo de dois jornalistas norte-americanos Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal Washington Post que revelaram, depois de diversas investigações, um esquema de corrupção envolvendo o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, culminou na queda desse presidente. Isso se deu após entrevistas em *off* decisivas pela fonte que se auto denominou Garganta Profunda. Ao final das denúncias, não aguentando as pressões e antes de sofrer um *impeachment*, o então presidente renunciou ao cargo. Em 2005, o mistério da fonte que informou o esquema do caso, foi revelado. O Ex-Vice-Presidente do FBI, W. Mark Felt, era o Garganta Profunda. O fato foi confirmado pelos dois repórteres. Este é um exemplo clássico de como o Jornalismo pode ser Quarto Poder<sup>15</sup> influenciando diretamente nos fatos.

Corpus 3<sup>16</sup>: por quase uma semana, a Rede Globo de Televisão, especialmente, o Jornal Nacional transmitiu, de forma maciça, as manifestações dos Caras Pintadas<sup>17</sup> contra o governo do presidente Fernando Collor de Mello. Por fim, as manchetes e chamadas no país e no mundo divulgavam o primeiro *impeachment* da História brasileira do primeiro presidente eleito por voto direto. Este fato não quis dizer que as manifestações, por si só, não conseguiriam derrubar o governo vigente, mas que com a velocidade e a proporção das divulgações da Grande Mídia, o *impeachment* aconteceu de uma maneira muito rápida.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/special/watergate/>. Acessado em 11/05/2012

<sup>15</sup> O Quarto Poder é uma expressão criada para qualificar, de modo livre, o poder das Mídias ou do Jornalismo em alusão aos outros três poderes típicos do Estado democrático (Legislativo, Executivo e Judiciário). Essa expressão refere-se ao poder dos media quanto a sua capacidade de manipular a opinião pública, a ponto de ditar regras de comportamento, influenciar as escolhas dos indivíduos e, por fim, da própria sociedade.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://redes.moderna.com.br/2011/08/16/o-movimento-dos-caras-pintadas/>. Acessado em 11/05/2012.

<sup>17</sup> Caras-pintadas foi um movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 e tinha como objetivo principal o impedimento do Presidente do Brasil e sua retirada do posto. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e ainda em suas medidas econômicas, e contou com milhares de jovens em todo o país.



Corpus 4<sup>18</sup>: o episódio que ganhou repercussão na mídia, virando livro e filme, foi o caso da Escola Base. Em linhas gerais, boatos espalhados por um delegado que havia recebido denúncias de mães que tinham seus filhos matriculados na escola em questão foram divulgados de maneira espetacular, primeiramente pelo jornalista da Rede Globo, Valmir Salaro, preocupado mais com o furo sem averiguação contundente. Os boatos diziam que as crianças eram molestadas dentro e fora da escola quando elas seriam levadas para orgias em motéis. Os donos do colégio foram estigmatizados pela mídia e pela sociedade como “Monstros da Escola”, a instituição de ensino, por sua vez, como “Escola de Horrores” e a “Kombi era motel na escolinha do sexo”. Em um comentário no programa *Aqui e Agora* do SBT, já extinto, pediu-se a pena de morte para os envolvidos. Após dez anos de sofrimento, ameaças anônimas de morte, perda do patrimônio e consequências psicológicas, o inquérito concluiu que os acusados eram inocentes. Podemos constatar mais uma vez que a Mídia tem o poder de determinar fatos e alterar realidades, mas dessa vez, como não utilizou os princípios fundamentais do Jornalismo, prejudicou a vida de inocentes.

Corpus 5<sup>19</sup>: muito discutido é o fato de como a mídia retrata assuntos que há a participação de polícia e criminosos, atrapalhando muitas vezes o papel da polícia quando a própria Imprensa quer assumir essa função. Dessa forma, facilita a ação de criminosos, por exemplo, em fugas ou dando veredictos antes de julgamentos. Ainda, acaba por prejudicar o diálogo entre policial e criminoso. Um exemplo clássico é a atuação das UPPs<sup>20</sup> que visam pacificar várias favelas no Rio de Janeiro. A partir do momento que a Imprensa anuncia a ação, prejudica a estratégia dos combatentes do crime. Essa confunde o Quarto Poder nesta questão, quando quer assumir papel que não lhe cabe. Esse caso ilustra este ponto é o fim trágico do jornalista Tim Lopes que subiu o morro sozinho para uma reportagem sobre baile funk e acabou caindo nas mãos de traficantes e assassinado de maneira bárbara. Outro exemplo cabível é o sequestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro nos anos 2000. Sandro Barbosa do Nascimento, sobrevivente da Chacina da Candelária, em que seis menores e dois maiores sem-tetos foram assassinados por policiais militares na frente da Igreja de mesmo nome, fez dez reféns no referido ônibus. O primeiro tiro dado por ele, em direção ao vidro, teve a

---

<sup>18</sup> Vide livro: Caso Escola Base – Os abusos da Imprensa, do jornalista Alex Ribeiro.

<sup>19</sup> Caso Tim Lopes: <http://www.timlopes.com.br/casotimlopesmobilizatodoopais.htm>, acessado em 11/05/2012. E caso ônibus 174: [g1.globo.com/riodejaneiro/noticia/2010/06/após-10-anos-sequestro-do-onibus-174-vive-na-memoria-de-testemunhas.html](http://g1.globo.com/riodejaneiro/noticia/2010/06/após-10-anos-sequestro-do-onibus-174-vive-na-memoria-de-testemunhas.html).

<sup>20</sup> Unidade de Polícia Pacificadora.



intenção de intimidar fotógrafos e jornalistas que estavam no local, provocando mais pânico e aumentando a tensão dentro e fora do veículo.

### **B) Notícias equivocadas:**

Corpus 6<sup>21</sup>: um caso bastante conhecido de ficção no meio jornalístico é o do repórter Stephen Glass, da revista de bordo presidencial e de grande circulação nos EUA, *The New Republic*. Após desconfiança da revista concorrente, *The Atlantic Monthly*, o editor do veículo alvo de suspeitas foi obrigado a fornecer informações sobre as matérias que Stephen assinava. O próprio editor começou a averiguar e encontrar incoerências nos fatos descritos pelo repórter, desconfiando da veracidade deles. A verdade é que a ambição de ascender na carreira levou o jornalista a forjar fatos criando belas histórias com personagens, locais e acontecimentos. E pelo seu carisma, conseguia persuadir todos ao seu redor. Entretanto, Stephen cai em contradição e é descoberto. As consequências foram grandes para a mídia impressa, para o jornalista e para a própria revista. Apesar dos esforços da revista em se desculpar perante seus leitores, *The New Republic* virou motivo de chacota e sua credibilidade questionada. O jornalista admitiu serem parcial ou inteiramente inventados 27 dos 41 artigos publicados. Além disso, arruinou a carreira e virou escritor.

Corpus 7<sup>22</sup>: duas matérias com edições do debate ocorrido no dia anterior foram apresentadas em dois telejornais da *Rede Globo*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*. As imagens do debate para as eleições de 1990 entre Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva, foram cortadas de modo a favorecer o candidato pelo PRN (Partido da Renovação Nacional), Collor, que acabou ganhando as eleições mesmo estando atrás na corrida eleitoral. A manipulação foi assumida por Boni, anos depois.

Corpus 8<sup>23</sup>: mesmo os canais por assinatura não estão ilesos das falhas jornalísticas. Selecionamos um exemplo do canal *Globo News* em que a jornalista, procurando dar a notícia em primeira-mão, o “furo”, ignorou as etapas do processo apurativo e divulgou uma notícia equivocada, no jargão jornalístico “barriga”. Ela afirmava, por meio da notícia, que um avião da *Pantanal* havia colidido com um prédio próximo a *Congonhas*, em São Paulo. A notícia teve um elevado grau de importância devido ao desastre aéreo da companhia *TAM* ocorrido dez meses antes. No entanto, depois de quatro minutos dando esta notícia, com a apuração verificou-se que o fato ocorrido havia sido um

---

<sup>21</sup> Disponível em : [etica-jornalística.blogspot.com.br/2006/09/casos-internacionais.html](http://etica-jornalística.blogspot.com.br/2006/09/casos-internacionais.html). Acessado 11/05/2012.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MZ8B76JE-zI>. Acessado em 11/05/2012.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/14560/barriga-jornalística-confunde-incendio-em-loja-de-colchoes-com-queda-de-aviao-proximo-a-congonhas>. Acessado em 11/05/2012.



incêndio em uma fábrica de colchões. A emissora foi a primeira a divulgar; logo depois, a Record News também divulgou, mas por meio de nota simples e também a Folha Online repassando e creditando a Globo News. Com apenas quatro minutos de divulgação equivocada, a notícia repercutiu mundialmente provocando pânico na população e confusão na mídia internacional. A informação também foi repassada de forma errada pelo deputado federal Antonio Carlos Pannunzio (PSDB), alertado pelo assessor, durante sessão oficial da CPI dos Cartões Corporativas. Até mesmo a comitiva do presidente Lula chegou a ligar para a Aeronáutica cobrando informações. Oficialmente, somente depois que a Secretaria de Segurança Pública, do Serviço Regional de Proteção ao Vôo, da Infraero, Anac e Pantanal é que os veículos começaram a divulgar a informação corretamente. A TV Record e a TV Band foram os primeiros veículos a darem a informação correta. Posteriormente, procurada pela Folha Online, a Central Globo de Comunicação enviou por e-mail uma retratação sobre a falha: "A respeito do incêndio ocorrido hoje à tarde em São Paulo, a Globo News, como um canal de notícias 24 horas, pôs no ar imagens do fogo assim que as captou. Como é normal em canais de notícias, apurou as informações simultaneamente à transmissão das imagens". A primeira informação sobre a causa do incêndio recebida pela Globo News foi a de que um avião teria se chocado com um prédio na região do Campo Belo, Zona Sul de São Paulo. Naquele momento bombeiros e Infraero ainda não tinham informação sobre o ocorrido. As equipes da própria Globo News constataram que não havia ocorrido queda de avião e desde então esclareceu que se tratava de um incêndio em um prédio comercial. "Poucos minutos depois o Corpo de Bombeiros confirmou tratar-se de um incêndio em uma loja de colchões". Analisando a declaração, percebemos que os argumentos usados são questionáveis do ponto de vista jornalístico. "O canal de notícias não revelou a origem da primeira informação", um dos princípios fundamentais, se não há fontes, não há discurso jornalístico e se não há informação correta repassada pela fonte também não. "Como é normal em canais de notícias, apurou as informações simultaneamente à transmissão das imagens", em primeiro lugar, a declaração, embora tenha insinuado, não pode ser considerada "furo" de notícia, porque não houve uma apuração prévia a divulgação da informações. Uma notícia só pode ser divulgada se for averiguada sua veracidade.

Corpus 9<sup>24</sup>: na busca, mais uma vez pelo "furo", a Rede Globo divulgou por meio de Plantão uma cabeça equivocada. Willian Bonner afirmava que um avião que estava em

---

<sup>24</sup> Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=5UKhRwueEG4](http://www.youtube.com/watch?v=5UKhRwueEG4). Acessado em 11/05/2012.

manutenção no hangar do prédio da companhia aérea TAM pegara fogo e que não haveria vítimas. Quando o repórter faz o *link* direto do local ele contradiz, retificando a informação passada do estúdio, dizendo que o avião derrapara na pista de pouso e atingira o prédio da mesma companhia. A justificativa dada por Bonner do próprio estúdio era de que não havia sinal, por isso, não havia contato com o repórter que estava na rua. Mais uma vez, “furo” baseado em “achismos”.

Corpus 10<sup>25</sup>: segundo a edição do dia 12 de março de 2004 do jornal espanhol *El Pais* o atentado ocorrido no dia anterior no metrô de Madrid deixou 192 mortos e 1400 feridos e foi de autoria do grupo extremista Al Qaeda. Uma foto que girou o mundo é a do repórter fotográfico do *El Pais*, Pablo Torres Guerrero. A imagem procura retratar a cena do local do atentado. Apesar de ser divulgada de forma original do *El Pais*, no Brasil a foto foi manipulada. Uma parte do corpo humano estirada próxima aos trilhos foi removida por um programa de edição de imagens.

A adulteração não é um problema quando se é dito onde, como e o que foi alterado. No caso da foto, não houve essa preocupação o que altera a informação. Na tentativa de evitar um possível sensacionalismo, veículos impressos acabaram se defrontando na parcialidade. A intenção foi evitar um choque da audiência decidindo o que as pessoas querem/devem ver ou não. Sem falar na questão do direito autoral, que não entraria nesta discussão. O Estado de São Paulo e a Folha mantiveram a foto original. O Diário de São Paulo e Jornal do Brasil removeram o pedaço humano da fotografia. Outros jornais mundiais também retiraram ou modificaram a foto.



Apesar dessa divisão em dois tópicos ter sido feita para facilitar o processo da análise, todos os exemplos, com exceção do caso do *The New Republic* alteram a realidade vigente, embora alguns de maneira local e outros mundial. O caso *The New*

<sup>25</sup> O Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, Jornal do Brasil, disponível em: <http://umpoucodetudo.wordpress.com/category/vigilancia-da-midia/page/2/>, em Jornais brasileiros manipulam fotos para não chocar, postada em 16 de março de 2009. E fotos da capa do *El Pais* e pedaços da foto de outros jornais: <http://fotografiador.elpuntodevista.com/?p=297>. Acessado em 11/05/2012.



Republic altera uma realidade, mas interna, dentro da própria redação e a dos concorrentes. De acordo com o enfoque dado, os cinco primeiros exemplos eram mais evidentes para o primeiro tópico e a mesma lógica vale para os cinco últimos exemplos do segundo tópico, embora esses limites não sejam tão rígidos.

Outras comparações ainda podem ser feitas com os exemplos dados. O caso Escola Base e a “barriga” dada pela Globo News prejudicaram a audiência/agente, embora de maneiras distintas. No primeiro caso, o prejudicado foi os proprietários do colégio que eram agentes na história e simultaneamente faziam parte da audiência. No último, a audiência pode se identificar de maneira direta ou indireta com a notícia, sentindo-se assustada e preocupando-se com possíveis parentes ou conhecidos que possam estar envolvidos no acidente ou lembrando parentes que já se viram envolvidos em acidentes anteriores, provocando, também, fobias, por exemplo, de andar de avião. Como todo discurso informativo é simulacro, os signos podem não corresponder a sua correlata relação entre representante e representado. Por isso, a realidade é a que conserva o testemunho final. Mesmo depois de acontecido o factual, é preciso recuperar, do melhor modo possível, o real como consensual, fruto de pesquisa testemunhal do maior número possível de depoimentos. Os pontos comuns entre eles retratam a veridicção do mesmo.

### **Balanco final**

Por meio da análise semiótica, pode-se entender o processo de formação da informação no Jornalismo. Aqui foram feitas análises de um corpus selecionado para demonstrar lacunas no processo informativo, defrontando as mesmas com o que seria Jornalismo ideal, produtor de informações tão próximas ao real quanto possível. Outros exemplos que merecem ser pontuados é a relevância dada ao fato dramatizado transformando-o em notícia, com o objetivo primordial de conquistar audiência. É o caso da menina Nardoni, divulgado massivamente durante semanas pelas mais diversas mídias e a cobertura do atentado as Torres Gêmeas em detrimento à Guerra do Iraque, a relevância aqui discutida não é mensurável, mas de pontos de vista sobre os dois acontecimentos. Além disso, a não continuidade da cobertura, ou seja, a imprensa noticia uma história de interesse público, porém não acompanha seu desfecho, dando a impressão para a audiência de que terminou de forma abrupta, deixando-a a *mercê*. Isto devido ao turbilhão de informações e mesmas informações regurgitadas pela pós-modernidade.



Por conseguinte, a análise aponta que, na tentativa de acertar, utiliza-se meios equivocados (má apuração, “Google repórter”), acelerados (furo), intencionais (criação/manipulação), ou de utilidade pública (jornalismo investigativo/divulgação maciça). A partir disso, conclui-se a importância da apuração bem feita, com averiguação, ouvindo o máximo de versões possíveis, paciência dentro do *deadline* e mesmo a importância da formação acadêmica do profissional - uma vez que é impossível entender e fazer bem a prática sem a base teórica - envolvido na construção da notícia em contraposição à incessante busca pelo furo sem apuração, ao ego do jornalista e a tentativa de assumir papéis, como o de agente da lei. Enfim, o estudo da semiótica alerta para a verdadeira pesquisa da informação e as suas possibilidades de distorção dos fatos quando são transformados em notícias.

## Referências

- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. **Introdução**. Em Louis Althusser. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2ª Edição, p26.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 16ª. Ed.. São Paulo: Ática, 2005.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **O contrato de veridicção**. *Acta semiótica et lingüística*. São Paulo: Humanitas, 1978.
- MCLUHAN M. **O meio é a mensagem**. São Paulo: Ed. Record.
- PEIRCE C. S. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**, Vols. I-VIII, Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur Burks, eds., Harvard University Press, 1931-58.
- RANDELL, Joseph (1977). **Some leading ideas of Peirce’s Semiotic**. *Semiotica*. New York: Mouton Publishers, 1998. n° 19 (3-4) p. 171.
- SANTAELLA, L. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação e terceiro entorno: diálogos com Galimberti, Echeverría e Martín-Barbero**. In *Comunicação e educação: banda larga e TV digital no Brasil*. São Paulo CCA/ECA/USP: Paulinas, 1994, p. 57-66. Ano XV, n° 3, set/dez 2010.